

## O diário e a diáspora

Myriam Ávila\*

### RESUMO:

O texto passa em revista diários de escritores portugueses e brasileiros do século XX, com destaque para José Saramago e Carlos Drummond de Andrade, em busca dos traços de uma diáspora que se dá não com relação a uma terra de origem, mas a uma terra de chegada, um país virtual que se denomina muitas vezes República das Letras. Verifica-se nesses diários uma desavença maior ou menor com seu entorno e consigo mesmo – para lembrar o verso de Sá de Miranda – cuja expressão varia em cada caso, mas resiste até em um diário tão expurgado quanto o de Drummond ou nos registros de um escritor de tanto sucesso quanto o prêmio Nobel Saramago.

**Palavras-chave:** Diário de escritor. Saramago. Drummond. Miguel Torga. Lúcio Cardoso. Lima Barreto.

Os diários de escritores, tipo de escrita que varia desde o mero registro das atividades do dia até reflexões filosóficas e confissões íntimas e tem uma história de pelo menos dois séculos, apresentam dois traços constantes: a preocupação com a permanência e/ou relevância da própria obra e a descrição do estabelecimento de redes de sociabilidade com outros escritores e artistas de sua época. Na sua interessante forma alveolar, mostram a construção cotidiana e paralela de uma obra e um lugar de escritor, à qual cada dia acrescenta um tijolo. A leitura cumulativa de cadernos desse tipo de autoria diversa convence-nos de que o escritor é uma espécie eminentemente gregária, em que pese a imagem do criador solitário diante da folha de papel. A par da encenação de uma figura de escritor para o público – da qual o mais marginal, ou “maldito” deles tem plena consciência – observa-se a peregrinação de cada um em busca de um país virtual, onde habitam os seus colegas de espírito e onde, como bem o lembra T. S. Eliot em “Tradição e talento individual” (ELIOT, 1989), há um lugar reservado para aquele que o mereceu, em um encontro repetidamente descrito como banquete ou simpósio.

É com relação a esse país virtual – cujo nome consagrado é República das Letras – que faz sentido falar de uma diáspora de escritores. Podemos entender diáspora como a dispersão de um povo provocada por um fator externo – perseguição política e/ou religiosa, carência econômica, ambiental e cultural provocada por colonialismo e imperialismo e, no caso do contingente negro de origem africana, a escravização. Nas levas de desterrados que se viram e se veem obrigados a buscar a sobrevivência fora de sua terra natal, contam-se numerosos escritores. No entanto, não é menor o número dos que, mesmo no ambiente nativo, sentem-se estrangeiros e desejosos de encontrar seus concidadãos de uma pátria ideal. Deste sentimento estão imbuídos também aqueles que de fato encontram-se geograficamente alienados de seu entorno original, vivendo, assim, uma dupla diáspora. O testemunho que o diário dá dessa vida desenraizada é dos mais interessantes, por configurar um mapa em rizoma das vias do país sem nome, onde escritores do mundo todo se encontram e se reconhecem.

A esse encontro de espíritos, ou almas – Lima Barreto chega a falar em metempsicose – acrescenta-se um muito concreto convívio pessoal de colegas-escritores, que se reconhecem “pelo faro, como os bichos”, segundo a expressão de Miguel Torga. A República das Letras, apesar de configurar um território virtual,

tem na geografia concreta os seus sucedâneos, sempre parciais e provisórios. São esses as grandes cidades, as capitais para onde emigram os escritores, como atraídos por um ímã. Nas literaturas sob exame neste texto, a portuguesa e a brasileira, esses centros são Lisboa e o Rio de Janeiro. Para os que já se encontram aí, a Meca passa a ser Paris, como propõe Pascale Casanova em *República mundial das letras* (2002). Os diários confirmam quase sem exceção esse distanciamento que o é tanto da localidade natal quanto dessa estação final, na qual se daria a integração definitiva dos diaspóricos. Assim, haveria para cada escritor um primeiro território de formação, muitas vezes representado como uma espécie de “país da infância”. Mais tarde, segue-se um período de atividade literária em um centro de importância nacional, que configuraria uma espécie de meio caminho para a definitiva República das Letras, mas que, como meio caminho, apenas aguça o desejo por algo maior. Miguel Torga, partindo de constatação bem pragmática, reconhece a inevitabilidade da atração da capital: “Aqui [em Castro Laboreiro] não há papel, nem tinta, nem cinema, nem livrarias, nem cafés, nem nenhum dos tóxicos de que necessito.” E conclui: “A cidade é como as prostitutas: o seu amor é falso, mas vence o de qualquer mulher honrada” (TORGA, 1949, p. 109). O sentimento de desterro, porém, ressurge em Lisboa, que Torga vê como uma vitrine de literatos:

o Chiado, esta vitrine cínica do mundo, onde se pode ver a arte e a inteligência em compota, dentro de frascos transparentes. [...] Aqui o poeta Inácio, em ponto de lágrima; ali o romancista Teodoro, em molho leve; acolá o ensaísta Fagundes, em geléia carregada. Todos na bemaventurança da glória! Nenhum se lembrou nunca de que está morto dentro da sua calda (TORGA, 1949, p. 191).

E em outro momento: “O provincianismo [...] permanece aqui mais teimoso que nunca. Exposições de artes plásticas que parecem estendais de habilidades domésticas, teorias filosóficas que lembram congeminações de farmacêuticos de vila” (TORGA, 1949, p. 98).

O mesmo desencanto aparece no *Diário íntimo* de Lima Barreto, décadas antes, com relação ao Rio: “Hoje, 7 de março de 1917, estive na [livraria] Garnier, como ontem, como anteontem (...). Troquei palavras com este, com aquele, e cada vez mais me capacito de que eles não têm nenhum ideal de Arte” (BARRETO, 1953, p. 131). De fato, a separação temporal entre os testemunhos dos diversos escritores em seus diários – nesta curta comunicação restrinjo-me aos de Lima Barreto, Miguel Torga, Carlos Drummond, Lúcio Cardoso e José Saramago – não interfere na percepção da posição do escritor como eterno deslocado. A experiência subjetiva de exílio do escritor parece seguir um padrão: inicialmente, o afastamento do torrão natal, que não promete o contato tão desejado pelo mais misantropo dos escritores com um ambiente propriamente literário. Depois, a constatação da futilidade e até mediocridade do grupo de colegas com o qual vem a conviver. Lúcio Cardoso, por exemplo, vê os intelectuais boêmios com os quais se encontra nos bares como um bando de *ratés*. A partir daí, surgem dois anseios opostos: o de partir para meio mais amplo e mais arejado, onde possa privar com os grandes do seu tempo, e o de voltar para a província, onde residiria a fonte de sua inspiração, a autenticidade de que se nutre a sua arte. Na expressão de Miguel Torga, a “sobriedade medular da nação” (TORGA, 1949, p. 98). Constata Torga: “Para quem vem das terras pobres da província [...] impõe-se imediatamente um raciocínio: nunca esta Lisboa exprimiu a Pátria” (TORGA, 1949, p. 98).

Ambos os impulsos, o de voltar para o interior e o de partir para o grande centro – exemplarmente, Paris – estão fadados à frustração. No primeiro caso, é inevitável a constatação da impossibilidade de se sentir escritor fora do convívio com os pares e, no segundo, o mais aglutinante dos centros eventualmente revelará sua face superficial e inautêntica. Por mais que o artista se reconheça (como o faz Mário de Andrade em carta a Drummond) morador de uma torre de marfim que “não poderá ter nunca pontes nem subterrâneos” (ANDRADE, 1985, p. 20), em última análise ele se cria medindo-se com o meio<sup>1</sup>.

Diante desses dois paraísos perdidos, agudiza-se a sensação de não pertencimento, de estrangeiridade radical que – os testemunhos fazem crer – é característica do escritor.

A dupla insatisfação, com a vida literária e com a ausência dela, reforça a busca de integrar-se a uma república virtual das letras, que ignora distâncias no tempo e no espaço. Se tomarmos um diário recente, como os *Cadernos de Lanzarote* de José Saramago, veremos a facilidade cada vez maior com que a rede virtual de escritores se estabelece, graças à crescente facilidade de comunicação. Nos anos 90, destacam-se o deslocamento aéreo e o fax como os promotores do contato frequente entre espíritos afins. A partir de 95, a comunicação via correio eletrônico será responsável por uma frenética ativação das redes de sociabilidade em nível internacional. Por contraste, os diários escritos ao longo do século XX mostram como os contatos se assentam na lenta troca de cartas e nas raras, difíceis, caras, impossíveis viagens transatlânticas. Em Lima Barreto, como em Lúcio Cardoso quatro décadas depois, a Europa tem de permanecer na esfera do desejo, assumido – em Barreto – ou recalcado – em Cardoso. No caso de Miguel Torga, a ditadura salazarista representou um outro obstáculo concreto às viagens a Paris. Mesmo o contato com os livros mais recentes editados na capital das letras era, na primeira metade do século XX, difícil e demorado, devido às dificuldades de importação e remessa.

À busca de intercâmbio intelectual corresponde, mais pragmaticamente, o desejo inerente, segundo Miguel Torga, de reconhecimento, de ser publicado e lido, de produzir uma reação no meio literário. Comenta Torga que

Desejar aplausos em arte é mais uma necessidade do que uma vaidade. É sentir que se é necessário, que nos querem. [...] Escrever para a posteridade não consola nem estimula ninguém. A legítima oração de todo artista, quer queiram, quer não, tem que ser: dai-nos, Senhor, um pouco de glória em vida (TORGA, 1949, p. 72).

Os demais escritores cujos diários examinamos, ressentem-se, com maior ou menor frequência, da falta de eco à sua obra, mas o excesso de exposição parece igualmente prejudicial, exigindo períodos de recolhimento, quase sempre coincidentes com uma estada no interior, longe da agitação da metrópole.

Entretanto, apesar do padrão que se delineia no sentido de configurar um sentimento generalizado de diáspora entre os escritores, dois dos diários examinados apresentam um desvio significativo, podendo ser classificados como diários “de plena integração”. São eles o de Carlos Drummond de Andrade e o de José Saramago. Não se trata, porém, de conjuntos de textos semelhantes mas, ao contrário, de livros totalmente diversos. A começar pela extensão de tempo coberta e a espessura dos volumes: o de Drummond vai de 1943 a 1977 em menos de 200 páginas, enquanto o de Saramago, na edição de 1997, cobre apenas três anos em 664 páginas. É óbvio que o diário de Drummond foi profundamente cortado e editado, constituindo uma coletânea de “salvados de incêndio”. Drummond conta que queimou a maior parte de seus cadernos, poupando apenas o que considerou de algum interesse para a posteridade, basicamente o que se refere à vida literária brasileira do período. Embora os registros publicados não sejam representativos da vivência do poeta ao longo de trinta e cinco anos, são, por outro lado, extremamente reveladores como aquilo que ele escolheu compartilhar com os leitores.

No diário de Drummond, Itabira dói um pouco, menos do que se poderia esperar, mas de forma significativa: aparece sempre como sonho, nunca como memória voluntária. Funciona como uma espécie de substrato de uma identidade cuja camada visível o envolve e protege. Os recortes da vida cotidiana que formam o grosso das páginas de *O observador no escritório* mostram o poeta na rua – desenhando o que Mário de Andrade chamou, referindo-se a si próprio, de “retrato alindado”. Drummond surge como *causeur*, simpatizante de causas políticas, amigo disponível e bem-humorado e, de forma geral, como

peixe em seu elemento. O Rio de Janeiro não tem aí o caráter dissoluto, indiferente e insincero de que se reveste nos diários de Lima Barreto e Lúcio Cardoso e em certo período da correspondência de Mário de Andrade<sup>2</sup>. Para Drummond, é Belo Horizonte que representa o meio literário restrito e superado, ao qual não vale a pena voltar<sup>3</sup>. Comprova o fato de que o poeta encontrou no Rio sua “estação definitiva”, plena e suficiente, a ausência quase total, no diário, de menção a escritores estrangeiros de seu tempo e à grande literatura universal. Enquanto Lúcio Cardoso vive em comunhão de espírito com os expoentes da literatura europeia que lê, recebendo relativamente pouco influxo dos colegas brasileiros, Drummond apenas pinça, raramente, alguma citação, *bon mot* ou aforismo de escritores como Vitor Hugo e Baudelaire, não reservando registros a escritores contemporâneos seus de além-mar. Não é, em momento algum do seu diário, o poeta de periferia que suspira pela Europa – não sofre do que se convencionou chamar de “mal de Nabuco”<sup>4</sup>. Não revela a ambiguidade de Lúcio Cardoso que, contemplando de longe o sonho de ir a Europa (“Quem sabe, talvez fosse um remédio”), sente a obrigação de resistir-lhe, e partir em bandeira para o interior do Brasil<sup>5</sup>, onde estaria o autêntico material literário nacional: “Penso em retirar-me para um sítio ou uma fazenda, longe de literatos, atores, empresários, diretores de jornais e revistas e, em geral, toda essa gente que gasta os dias elaborando planos às mesas de cafés” (CARDOSO, 1970, p. 61)<sup>6</sup>.

O caso de José Saramago – seu diário da plena integração – é ainda mais radical que o de Drummond. Seus *Cadernos* nascem no agradável exílio voluntário em que vive nas Canárias, rodeado pelo reconhecimento mundial de sua obra. Grande parte dos nomes citados nas páginas do diário é de admiradores, leitores de diferentes classes e estágios de capacitação, professores universitários, editores, tradutores, todo um complexo de divulgadores e devotos. Poucos escritores são mencionados enquanto tal: surgem na medida em que polemizam, criticam, emulam ou ignoram sua obra. Dois desses são Aufran Dourado e Antonio Tabucchi. Alguns textos elegíacos são dedicados a escritores por ocasião de sua morte. Em determinado ponto, Miguel Torga e Herberto Helder são lembrados como tendo comportamento contrastante com o do autor: o primeiro não autografava livros e o segundo não dá entrevistas. Escritos na expectativa de receber o prêmio Nobel, o que veio a acontecer em 1998, estando já publicados os dois primeiros diários, os *Cadernos de Lanzarote* fazem da ilha espanhola a capital de uma espécie de principado encravado no interior da República das Letras. Enquanto esta é formada pelo convívio virtual entre escritores, o principado saramaguiano é habitado basicamente por leitores. Saramago descreve assim o que chama de os dois céus:

Espero que Manuel da Fonseca não esteja agora no céu dos escritores, que de ciência muito certa sei eu que é uma repetição exacta do que foi o mundo deles enquanto viveram. Que esteja, sim, no céu dos leitores, que esse é céu autêntico. E que lhes vá contando as suas histórias enquanto não chega a minha vez de ir ocupar o meu lugar (SARAMAGO, 1997, p. 500).

Se Drummond vive e Torga aspira por viver o céu na terra, se Lima Barreto e Lúcio Cardoso apostam suas fichas, por falta de opção, na posteridade, Saramago já transcendeu o reino da necessidade literária e caminha para um céu superior. Entretanto, mesmo que plenamente integrado a partir de Lanzarote – “A casa está a voltar a casa”, comenta quando sua mudança chega de Lisboa para a nova morada – também o festejado romancista tem sua Itabira a doer em um recanto da lembrança, dando um tom agridoce ao desterro. Algumas das mais sentidas páginas dos diários tratam de Lisboa, que não é uma, mas duas: a dos bairros pobres em que se criou (“pequenas Lisboas”) e a outra, dos embates políticos e literários, que denomina, com certa ironia, “república das letras lusitanas”. Nessa última, tantas vezes ingrata, o escritor internacionalmente reconhecido espera sempre despertar ecos, permanecendo atento a seu silêncio e muxoxos.

De forma geral, o grau de integração corresponde à amplitude do sucesso alcançado em vida pelo escritor. No âmbito da literatura ocidental, podem-se lembrar como exemplares em extremos diferentes

os diários de Thomas Mann e Katherine Mansfield. No entanto, o esquema geral de projeção diaspórica mantém-se em qualquer caso. Os prêmios Nobel Mann e Saramago têm em comum fixarem residência em país estrangeiro, onde se comunicam em uma língua e escrevem em outra, desacordo linguístico que apenas reflete um desajuste de base. Festejados no mundo todo, é ainda a recepção de sua obra no país natal o que mais atrai sua atenção, por mais que a volta à pátria pareça indesejada.

Nos diários de escritores de pouca fortuna crítica em vida, adquire importância um traço constante: a doença, física ou mental, e sua metaforização. Totalmente ausente dos diários de Saramago e Drummond, esse traço – junto com o papel desempenhado pela morte nos diários – abre uma nova possibilidade de reflexão sobre a escrita diarística que, por questão de tempo, não será tratada aqui. As formas da desavença com o meio, com o Outro e consigo mesmo – para lembrar o verso de Sá de Miranda – variam em cada caso, mas resistem até em um diário tão expurgado quanto o de Drummond.

Sem querer aplainar as especificidades que marcam cada trajetória de escritor e cada diário, é possível perceber em um a um a experiência da diáspora, seja com relação ao país da infância, seja com relação ao simpósio universal das letras. Estrangeiro diante da incompreensão dos demais, estrangeiro em um meio hostil ou de fato estrangeiro no mais favorável dos meios, o escritor faz do seu diário um ponto de encontro com os pares, de reencontro com amigos, de reafirmação de uma identidade fugidia, doidamente dependente do olhar do Outro. Bem ao modo do exilado, constrói um simulacro de convívio não só com outros naufragos do senso comum, como também com o mais elusivo dos fantasmas, o próprio eu.

## The diary and the diaspora

### **ABSTRACT:**

This text reviews a series of Portuguese and Brazilian writers' journals – with special attention to those by Jose Saramago and Carlos Drummond de Andrade – in search of a pervasive diasporical feeling which has less to do with a place of origin than with a place of arrival, a virtual country that is sometimes called the Republic of Letters. There can be found in those journals traces of a variable degree of dissension from the environment or from oneself that may be expressed in many ways but that is a trait of every one of them, be it an expurgated version such as Drummond's or the notes of a highly successful writer like the Nobel Prize winner Saramago.

**Keywords:** Writer's journals. Saramago. Drummond. Miguel Torga. Lúcio Cardoso. Lima Barreto.

### **Notas explicativas**

\* Professora Associada de Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da UFMG. Departamento de Semiótica. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

<sup>1</sup> Se tomarmos ao pé da letra a imagem de campo literário (Bourdieu) podemos dizer que, como um peão de xadrez, ele calcula seus movimentos diante dos possíveis movimentos dos demais.

<sup>2</sup> Ver ÁVILA, 2008, p. 55-6 e ss.

<sup>3</sup> Conferir o registro intitulado “Voltar para Minas”, p. 68-70 de *O observador no escritório*.

<sup>4</sup> Referência às famosas páginas de *Minha formação*, no capítulo “Atração do mundo”, em que Joaquim Nabuco diz preferir a Europa ao Brasil.

<sup>5</sup> No entanto, até aí se mostra ambíguo, pois legitima sua intenção de se tornar fazendeiro com a observação de que Faulkner e Huxley também o eram, (p. 197).

<sup>6</sup> Essa entrada antecede de quatro dias a menção à Europa: “O nome vem como toda uma música que crescesse do mais íntimo do meu sangue” (p. 63).

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985. 199 p.
- ÁVILA, Myriam. *O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. 230 p.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo/Rio de Janeiro: Mérito, 1953. 330 p.
- CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. 304 p.
- CASANOVA, Pascale. *República mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 440 p.
- ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. In: \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo, Art Editora, 1989. 256 p.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 240 p.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 672 p.
- TORGA, Miguel. *Diário IV*. Coimbra, 1949. 193 p.